

EDUCAÇÃO MÉDICA PEDIÁTRICA

Educar para Prevenir

JOÃO GOMES-PEDRO

Resumo

O A. traça algumas das responsabilidades que a Educação Médica Pediátrica tem de operar num contexto de Educação para a Saúde e para o bem-estar dirigidos ao cidadão comum.

Inspira-se o A. na visão da verdade intrínseca à utopia de Platão.

A acidentologia é referida como uma área ainda negligenciada nas políticas de saúde apesar da elevada prevalência de acidentes e das suas consequências médicas e sociais.

Para o A. a problemática do acidente gera-se na encruzilhada entre a trajectória do desenvolvimento infantil e a dimensão do stress que rodeia a criança e a sua circunstância. Neste contexto, qualidade de vida, stress e prevenção, serão os ângulos do triângulo mágico do acidente, a orientarem uma efectiva adequação de estratégias por parte da Educação Médica Pediátrica.

Palavras-chave: Acidente; Prevenção; Educação Médica Pediátrica.

Summary

The A. describes some of the responsibilities that Pediatric Medical Education has to operate in an educational context to promote Health and the well being directed to common citizens.

The A. vision is inspired by the truth within Plato's utopia.

The accident area is referred as being still neglected by Health policies in spite of the high rates of accidents and of its medical and social consequences.

In the Author's opinion, the accident problematic is made in the crossroad between the infants' development trajectory, the dimension of stress surrounding the child and its circumstances.

In this context, life quality, stress and prevention, will be the angles of accident's magical triangle, to lead an effective strategies adjustment by the Pediatric Medical Education.

Key-words: Injury; Prevention; Pediatric Medical Education.

Educar para prevenir, muito especialmente na área da Acidentologia, é uma prioridade da Educação Médica Pediátrica, simultaneamente com um dever de cidadania.

Reflectir sobre prevenção de acidentes na criança e no adolescente é, de facto, inseparável desta consciência de cidadania que, prioritariamente, tem de estar dirigida para o bem-estar de cada um e de todos, bem-estar este que passa por mais segurança, na vida de cada um.

Lê-se no dicionário Larousse que cidadão é o membro de um Estado, considerado no ponto de vista dos seus deveres e dos seus direitos políticos.

Na antiguidade, cidadão era quem usufruía do direito de cidade. De facto, no tempo de Platão, a ideia de cidade, identificada com Esparta, era de tal modo poderosa que arrastava a sua influência até ao simples utente desse conceito mítico de cidadania. A mais antiga das utopias identifica-se, assim, com a crença na comunidade ideal e corresponde à primeira parte do diálogo de Platão, representado na República.

Para Platão, a visão da verdade deverá ser o objectivo do filósofo, de modo a ele poder ajudar a construir aquela comunidade ideal.

A metafísica platónica terá representado, assim, o substracto utópico do conceito de cidadania e esta constatação será, creio eu, fundamental para ajuizar desta temática que envolve a prevenção de acidentes e promoção de segurança em crianças e jovens.

Promoção de segurança é, inequivocamente, uma extensão do ideário envolvido na promoção de bem-estar, ou seja, de Saúde.

Este bem-estar é, para alguns, sinónimo de qualidade de vida mas, por sua vez, o alcance desta qualidade de vida, no seu absoluto, é uma abstracção que só a utopia permite equacionar.

O propósito de Platão, ao escrever os seus Diálogos, terá sido o de ajudar os homens a entender a natureza da qualidade de vida, nomeadamente, através da motivação para querer vivê-la.

Ele chamou a este caminho para a qualidade de vida a «Imitação a Deus» e, no seu postulado, todos os homens o procurariam por natureza e por destino.

Em torno de um dos princípios que consubstanciam este postulado, Platão desenvolveu a célebre teoria de que o homem é um animal social por natureza, ao ponto de não poder satisfazer as suas necessidades mais elementares sem a convivência e colaboração dos seus pares ou concidadãos.

Em suma, a filosofia platónica tem, prioritariamente, um alcance pedagógico, pedagogia esta que envolve, indubitavelmente, a pedagogia da promoção de saúde e, será ainda, em todo este contexto, que julgo pertinente situar o papel do cidadão na prevenção do acidente, a par de uma motivação intrínseca à Educação Médica Pediátrica.

Voltarei à utopia depois de situar os factos.

Acidente tem sido definido como um acontecimento potencialmente nocivo, inesperado, involuntário e brutal que atinge o indivíduo e que é responsável ou não por lesões eventualmente carecedoras de cuidados especiais de saúde ⁽¹⁾.

A investigação em Acidentologia, porém, tem feito reconhecer que a noção de acidental ou fortuito, não se identifica, de facto, com a realidade biopsicosocial do acidente, terminologia esta que deve inspirar as nossas estratégias preventivas.

Por outro lado, a estatística dá-nos a perspectiva da dimensão trágica do acidente na criança.

Em cada ano, uma em cada dez crianças é vítima de um acidente, necessitando, por isso, de cuidados diferenciados de saúde. Ainda no mesmo contexto, o acidente constitui, na maior parte dos países do mundo, a primeira causa de morte a partir do ano de vida da criança.

Todos sabem que não são só a industrialização, o avanço tecnológico ou a urbanização desregrada os determinantes significativos do acidente. Direi mesmo que a etiopatogenia do acidente representa um modelo que poderá servir de paradigma para a educação médica reformulada, que todos pretendemos.

O que é facto é que apesar dos números, a acidentologia continua a ser uma área negligenciada nas políticas de saúde e, talvez por isso, a Europa dedicou o ano de 1996 ao acidente.

As Faculdades de Medicina e as Escolas Paramédicas não ensinam acidente na proporção do seu significado estatístico e comunitário, já não falando em termos de risco e de vulnerabilidade.

Grande parte da literatura científica continua a debruçar-se sobre as consequências nomeadamente traumatológicas do acidente, sem privilegiar as estratégias de intervenção preventiva.

A etiopatogenia multifactorial que está envolvida no acidente é, na maior parte das vezes, significativamente reduzida ou singularizada, em função do modelo biomédico ainda prevalecente na mentalidade dos técnicos de saúde.

Para o cidadão, face à ambiguidade entre a pressão dos deveres e a ignorância dos direitos, a atitude mais fácil é o isolamento ou a fuga, perante o problema.

A epidemiologia do acidente e, sobretudo, dos seus determinantes comportamentais, está longe de estar esclarecida.

É neste sentido que Rivera e Wolf ⁽²⁾ advogam ser necessário mais investigação nesta área onde é patente uma lacuna de informação e de praxis relativamente a um novo modo de analisar um velho problema.

O significado do rigor nas metodologias utilizadas ou a utilizar em investigação sobre acidentes é salientado na literatura, parecendo dever ser esta exigência prioritariamente considerada quando estão em causa factores psico-sociais e comportamentais especificamente envolvidos na etiopatogenia do acidente infantil ^(3, 4).

A problemática do acidente gera-se na encruzilhada entre a trajectória do desenvolvimento infantil e a dimensão do stress que rodeia a criança e a sua circunstância (família, serviços de educação, grupos de amigos, comunidade de vizinhos, etc.).

Se em termos pedagógicos, é, por vezes, recomendável apresentar, isoladamente, alguns dos factores envolvidos nestes dois grandes grupos de determinantes etiológicos, na prática e, também em termos de filosofia global, é impossível, de facto, isolá-los.

Assim, o temperamento individual é indissociável do desenvolvimento dos vínculos, cada um dos timings identificados com os pontos de viragem do desenvolvimento está intimamente ligado à micro-cultura e à macro-cultura de cada ambiente, a dinâmica de cada ritmo individual, ainda em termos de desenvolvimento, está significativamente correlacionada com as características socio-emocionais de cada ecossistema.

As interrelações não têm fim.

Temos defendido que a ocorrência das intoxicações é um epifenómeno da dinâmica do desenvolvimento individual ⁽⁵⁾.

De um modo geral essa dinâmica é, por seu turno, indissociável do modo como se estabelecem as relações interpessoais no decurso da maturação da teia que consubstancia aquelas relações.

Por último, cada uma das aquisições em desenvolvimento, inscrita na fenomenologia da aprendizagem, está embebida do afecto que influencia a maior ou menor contingência com que cada um se adapta ao outro ou aos outros nos rearranjos que cada nova aprendizagem induz.

O acidente não é, em geral, um acidente de percurso no percurso adaptativo de cada criança.

A ocorrência de um acidente é uma circunstância resultante de um jogo de variáveis que nem o programa informático mais complexo poderá integrar.

Reflitamos em alguns exemplos daquelas variáveis.

A aprendizagem dos mecanismos de auto-protecção e de auto-defesa, inicia-se nos primeiros anos de vida e é, por sua vez, modelada pelas intervenções antecipatórias dos pais de cada bebé, desejadamente atentos aos progressos psico-motores e sensoriais, ao mesmo tempo que atentos aos riscos concomitantes ⁽⁶⁾.

A fenomenologia da imitação na criança é um factor fundamental de progresso no desenvolvimento, mas é, simultaneamente, um dos mais relevantes factores de risco, sobretudo no domínio das intoxicações medicamentosas.

A auto-afirmação, às vezes expressa em comportamentos anti-sociais ou em comportamentos provocatórios é, também, um factor de progresso no desenvolvimento do eu mas é, simultaneamente, um precipitante de risco, em acidentologia, sobretudo em idade escolar.

A sensação de onipotência, tão característica do adolescente, induz comportamentos de desafio, ao próprio e aos outros, sobretudo aos outros significativos e é, por sua vez, um desafio ao acaso.

Ainda no adolescente, a febre da novidade e as constantes desadaptações dela resultantes, numa homeostase instável própria deste grupo etário reforçam o risco e, sobretudo, as circunstâncias de vulnerabilidade, de isolamento e de frustração.

Em todos estes exemplos é patente o significado de interacção entre as forças da criança representadas pelos seus sistemas interiores e as forças do ecossistema identificadas com os sistemas extrínsecos a cada percurso ou desenvolvimento individual.

Será o resultado da dinâmica desta interacção que determina o porvir e será a disfunção identificada com o desequilíbrio daquela dinâmica que poderá gerar stress e, em função desse stress, o acidente.

A prevenção dessa disfunção é, no meu entender, a intervenção adequada para a promoção de bem-estar ou, se quiserem, de qualidade de vida. Esta será uma das grandes responsabilidades do que é apelidado de Nova Pediatria.

É na dinâmica das forças que delimitam este triângulo mágico cujos polos são qualidade de vida, prevenção e stress, que o acaso não terá senão a lógica do fortuito ou acidental, em termos estatísticos ⁽⁷⁾.

No interior deste triângulo, estão contidos os recursos inesgotáveis de cada um, de cada criança, recursos esses que importará identificar, nomeadamente através de uma nova Semiologia.

Diria ainda que, embora simples e económica pareça ser, de facto, a gestão da dinâmica deste triângulo, ela envolverá, porém, o maior de todos os investimentos: a transformação de uma filosofia, de uma educação e, também, de uma política de saúde.

A educação para a promoção da segurança, diria, para a qualidade de vida, expressa, nomeadamente, na prevenção do acidente, implica uma intervenção continuada e contingente em função das percepções e expectativas de cada um, desde os primeiros tempos de vida.

A educação dos políticos que são os que mandam fazer nas Repúblicas e nas Cidades, deverá ser precedida de uma educação básica dos técnicos e, sobretudo, dos cidadãos. Quem deverá determinar essa precedência são os políticos e teremos, então, fechado o ciclo do poder e das responsabilidades em cadeia.

Só se poderão alterar as estatísticas se os políticos, os técnicos e os cidadãos, em conjunto e com solidariedade trabalharem para a promoção de segurança.

Afinal de contas segurança é bem-estar e bem-estar é saúde.

Todos queremos mais qualidade de vida e por vezes esquecemo-nos que ela só acontece quando «cumprimos» dia-a-dia, hora-a-hora, pequenas obrigações cívicas que são a chave da nossa segurança e, em coerência, da nossa auto-estima.

Já o dissemos, a problemática do acidente gera-se na encruzilhada entre a trajectória do desenvolvimento infantil e o stress que rodeia a criança e o seu ambiente (família, jardim infantil, escola, grupo de amigos, vizinhos, rua, etc.).

Todas estas forças vivas do ambiente da criança estão relacionadas entre si.

Qualidade de vida, stress e prevenção são os ângulos do triângulo mágico do acidente.

Não pode haver qualidade de vida sem atender aos outros ângulos deste mesmo triângulo.

Na determinação das prioridades identificada com cada ângulo deste triângulo, reencontramos, revisitada, em cada momento, a utopia de Platão.

Revisitado terá que ser também, em conformidade, o diálogo ou seja a audição e consideração atenta ao cidadão para que aconteça intervenção coerente por parte do poder.

A participação do cidadão só acontece quando ele se sente motivado, participante, participado e solidário.

Por outro lado, é preciso entender desenvolvimento humano e, sobretudo, é preciso entender a criança para que se acredite na viabilidade da utopia.

A promoção de Saúde e Bem-estar passa, hoje, por uma intervenção esclarecida, dirigida à participação activa da criança.

A criança é o agente principal do seu desenvolvimento, mas é, sobretudo, o agente dinâmico mais efetivo na transformação da comunidade ⁽⁸⁾.

A educação para a qualidade de vida e, consequentemente, para a promoção de segurança, tem que partir do conceito que a criança é o agente mais significativo dessa promoção.

Este será o grande desafio para o cidadão político, para o cidadão técnico, para o cidadão comum.

A Educação Médica Pediátrica, inequivocamente, tem de operar este desafio.

Da utopia à clínica, à pragmática, o modelo é a criança.

Precisámos de Platão para entender que saber é algo distinto de sabedoria.

Sabedoria é, hoje, para mim, entre outras coisas, o entendimento de que é com a criança e para a criança, entendida com os seus pais e sua família, que teremos que fazer a promoção de qualidade de vida, a promoção

de segurança, a prevenção do stress, a contenção do acidente.

É esta a nossa responsabilidade.

BIBLIOGRAFIA

1. Tursz A. Le recueil des donnés sur des accidents de l'enfant; problèmes méthodologiques. Paris: Intern. 1988.
2. Rivera FP, Wolf ME. Injury research: where should we go from here? *Pediatrics* 1989; 84: 180-1.
3. Manciaux M, Romer CJ. Les accidents de l'enfant et de l'adolescent – La place de la recherche. Paris: La Documentation Française, 1988.
4. Tursz A. Adolescent, risque et accidents. Paris: Centre International de l'Enfance. 1987.
5. Gomes-Pedro J. O Acidente. Trabalho não publicado.
6. Bass JL, Mehta KA, Ostrovsky M, Halperin SF. Educating parents about injury prevention. Symposium on Injuries and Injury Prevention. *Pediatrics Clinics of North America* 1985; 32: 233-42.
7. Gomes-Pedro J. Qualidade de Vida e Prevenção da Deficiência. *Acta Pediatr Port* 1995; 26: 119-22.
8. A criança e o meio ambiente. Lisboa: European Society for Social Pediatrics, 1991.